

Sociedade e Informação*

ESTELA MORALES CAMPOS **

A sociedade produz, usa e valoriza a informação e todos os seus processos; é necessário conhecer e aceitar, como indivíduo, os benefícios que a informação oferece à sociedade e, a partir daí, analisar a relação entre estes dois elementos: a sociedade e a informação, com a finalidade de conhecer seus efeitos e conseqüências, para favorecer sua disponibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade
Informação-benefícios
Informação-usos
Informação-acesso
Informação-avaliação

1 INTRODUÇÃO

É muito comum escutar, em reuniões de profissionais de biblioteconomia e informação, que vivemos na era da informação. A mesma palavra informação é de uso cotidiano e corrente na literatura especializada ou não. Eu me perguntaria: todos os membros e extratos da sociedade, que utilizam a palavra informação, estarão se referindo

-
- * Palestra proferida na 9ª Reunión Interamericana de Bibliotecarios y Documentalistas Agrícolas, San José, Costa Rica, 2-7 de dezembro de 1990.
 - ** Diretora do Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, da Universidade Autónoma de México, Torre II de Humanidades, piso 12 y 13, Ciudad Universitaria — C.P. 04510 México - DF.

à mesma coisa? Estarão falando do mesmo tipo de informação?

Ao se tratar de responder a essa pergunta, cairemos em problemas de linguagem, de transmissão de idéias e de significados. A informação, como a ação de dar a conhecer algo, independentemente de sua profundidade e abrangência, nos leva a deduzir que a sociedade recebe e está exposta à informação proveniente da linguagem corrente dos meios de comunicação de massa até à gerada pela linguagem técnico-científica da literatura especializada. Tanto a informação, que neste trabalho chamaremos de geral, como a informação técnico-científica, obedecem a um determinado comportamento que reflete regras ou atitudes semelhantes.

Em ambos os casos, a informação é produzida pela sociedade em alguns de seus extratos ou grupos; existe um interesse consciente de transmiti-la, seja de maneira individual ou coletiva; pode ser informação secreta, concentrada em um grupo ou de domínio público. Em ambos os casos, a sociedade pode estar interessada em conhecê-la e, em participar nos mecanismos de sua difusão. Por sua vez, aos grupos de poder, chamem-se estado, consórcio comercial ou grupo político, lhes interessa obter a informação e utilizá-la.

A participação da sociedade é definitiva no processo de geração e utilização da informação, é ela quem lhe dá valor e é em função da sociedade que a informação vai valer. Quando falamos de sociedade, nos referimos a ela em seu conjunto ou a alguns de seus subconjuntos: donas de casa, operários, jornalistas, cientistas, etc.

O interesse na informação responde à necessidade do ser humano de expressar-se e de querer saber o que os demais expressaram, responde a uma necessidade que, em certo momento, se converte em direito fundamental do homem (TERROU, 1970, p. 7).

2 DIREITO À INFORMAÇÃO

A existência da informação não é um direito isolado, é um produto social. Dentro da sociedade existem hierarquias, princípios de ordem, grupos de poder; existe um governo e os governados, os que estabelecem os regulamentos e os que acatam as regras e as ordens. Estes dois níveis do grupo social representam uma correlação entre sistemas de governo e movimentos culturais, os níveis de educação, meios propiciadores de uso da informação e, o uso da informação.

Necessitamos de informação para tudo o que fazemos. Desde a antigüidade até nossos dias essa necessidade tem sido constante. Para as tarefas quotidianas, muitas vezes, é um ato inconsciente, já que a informação foi transmitida de maneira natural de pais para filhos, de adultos para crianças. Porém, nem tudo na vida resume-se em satisfazer as necessidades básicas pois sua satisfação nos eleva a outras alturas, outros níveis de dificuldade. Alguns de nós buscam informação para poder atender a um novo desafio; outros têm interesse em difundir novas idéias e propor ao público temas de reflexão sobre a realidade científica, cultural e sócio-política (MÉXICO, 1986, p. 17-21).

Seja qual for o caso, como homens em liberdade, devemos ter o direito de expressar-nos, de informar e de informar-nos. Este direito que eu considero nato, natural, encontra-se consagrado de maneira oficial na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL, 1907, p. 1217-9) dentro dos Constituintes de 1789, na França e na legislação de alguns países, como é o caso do México que, no artigo 6º de sua Constituição, indica: "... o direito à informação será garantido pelo Estado" (MÉXICO, 1985 p., 17-21).

Entretanto, um decreto ou uma lei não é suficiente para garantir o uso da informação, sua disponibilidade e o desejo de usá-la.

3 USO DA INFORMAÇÃO

A necessidade consciente de informação não se encontra no primeiro nível da pirâmide de motivação de Maslow (EVANS, 1980, 317 p.). Nesse nível estão a alimentação e o vestuário, necessidades que requerem satisfação imediata para subsistência. Uma vez satisfeitas, é possível que o homem pense e sinta outras necessidades, como o conforto físico e/ou o deleite espiritual e o conhecimento intelectual, como seria o caso da informação.

Para que a informação seja usada, devemos cobrir alguns passos prévios: a informação deve existir, devemos conhecer sua existência, ela deve estar disponível. Cobertas essas condições, ainda podemos nos deparar com duas situações: a necessidade de obter a informação em questão ou a indiferença diante da informação que temos.

Isto também significa que o uso da informação vai estar afetado pelo tipo de comunidade que, potencialmente, é a receptora dessa informação. Existem grupos sociais que já contam com um nível educativo que lhes exige uma demanda consciente da informação para os projetos que enfrentam, sejam eles quotidianos ou acadêmicos. Entretanto, um grupo muito importante por seu número, faz uso limitado e inconsciente da informação; seus próprios projetos de vida são limitados e rotineiros, não sendo afetados pela necessidade consciente do uso da informação.

As comunidades que mais abertamente estão conscientes da necessidade de usar a informação quase sempre se encontram em países desenvolvidos. Emprestem

um valor muito alto ao uso da informação para diferentes fins: apoiar objetivos de guerra, desenvolvimentos científicos e tecnológicos, melhorias educativas e culturais. Mas, mesmo nesses países, faz-se necessária a realização de ações combinadas para educar a população desde a mais tenra idade, para o uso da informação como um pré-requisito para a tomada de decisões no início de qualquer empreendimento como um hábito, que introduz a conhecer melhor o ambiente e a construir conhecimento e ideologia.

Os países menos desenvolvidos têm sérios problemas para levar educação e cultura a seus povos e, conseqüentemente, o **não** uso da informação é mais intenso. Atualmente, tanto os países com tradição no uso da informação, como aqueles sem essa tradição, desenvolvem grandes esforços para que o grosso de sua população leia e, imediatamente utilize a informação.

O não uso da informação pode levar a situações graves de analfabetismo funcional e à perda de habilidades para o mecanismo da leitura, deixando a população exposta à informação proveniente apenas dos meios audiovisuais, como o rádio e a televisão. É quase um regresso às origens da civilização, cujo meio de transmissão da informação foi, basicamente, a oral e a ideológica.

As comunidades científicas de primeira ordem, além de reconhecerem o valor da informação, exigem-na como requisito fundamental para poderem realizar pesquisas ou produzirem desenvolvimentos tecnológicos de ponta. Isso é demonstrado pelos gastos em informação, em infraestrutura, em meios de suporte e transmissão que o uso requer, bem como suas bibliotecas e serviços de informação (ALEMANHA, 1985 111 p.), que são tratados prioritariamente nos programas do governo e na elaboração e desembolso de verbas.

4 DISPONIBILIDADE DA INFORMAÇÃO

Uma forma de propiciar o uso da informação pela sociedade em geral ou por alguma de suas partes, é que ela se encontre disponível e seja de fácil acesso. Essa disponibilidade deve estar apoiada em ações que permitam conhecer o que há e onde está. Ou seja: que os usuários têm que saber o que existe sobre o assunto de seu interesse e como obtê-lo.

Os meios para obter a informação são muito variados, desde os de massa, como imprensa, rádio e televisão, que nos oferecem a informação do tipo geral e atual, até as bibliotecas, fontes de consulta, as bases de dados bibliográficos ou fatuais, notas de correio eletrônico, informações de colégios invisíveis, etc.

Desde o ponto de vista tecnológico, pode-se contar com todos os equipamentos e o desenvolvimento das telecomunicações para que a informação esteja ao alcance de qualquer usuário. Apoiados nesses avanços, não existiriam fronteiras, nem distâncias, nem nenhum impedimento para acessar à informação que se necessite, seja técnico-científica, recreativa, econômica ou esportiva.

Entretanto, obter a informação não é tão simples porque, até agora, é impossível política e economicamente ignorar as fronteiras e outras barreiras que permitam que a disponibilidade da informação se realize plenamente. Além dessas, existem ainda outras barreiras do tipo técnico-normativo dentro do tratamento da informação.

Por outro lado, não necessariamente toda a informação que existe sobre o tema é a que está disponível. Se nos referirmos à informação geral, transmitida através dos meios de comunicação de massa, muitas vezes ela se vê afetada pela censura, pela manipulação, pelo filtro da informação, seja porque responde a interesses de grupos

de poder ou porque convém aos sistemas políticos ou a princípios de **marketing**.

A informação é uma necessidade quotidiana, às vezes, uma exigência imposta pelo acelerado crescimento das atividades humanas. Possuir informação oportuna e suficiente do que sucede no mundo é uma obrigação do homem atual para o banco, negócios, indústria, campo, universidade, laboratório, etc. Possuir a informação, adquiri-la, é um mecanismo de defesa que lhe permite planejar suas atividades futuras e sobreviver em um mundo altamente competitivo, em que são relevantes a notícia do dia e a informação retrospectiva. Com a informação, o cidadão construirá uma idéia, um conhecimento, porém deveria aceitar que essa informação possa estar influenciada por uma ideologia dominante, pela distância que propiciou a disponibilidade dessa informação (GUTIERREZ VEGA, 1974, p. 43).

Se pudéssemos adquirir informação "ascética" seria o ideal, mas é quase impossível. A informação quase sempre terá algum grau de contaminação. Sobretudo, ainda que não exclusivamente na área das ciências sociais, desde que é gerada, já e contaminada, pois o que registra, de alguma forma, está influenciando pela maneira como efetua o registro, bem como o que analisa, sintetiza e descreve. Cada uma das pessoas que participam no processo, a "contamina". Mesmo a inofensiva ficha de uma base de dados, através dos descritores que a representam, pode ser objeto deste desvio.

Esse desvio ou contaminação pode ser inofensivos e inconscientes, mas algumas vezes é premeditado e consciente com a finalidade de "orientar" de acordo com os interesses de uma classe dominante, seja política ou econômica. Esta "orientação" pode chegar a exercer um controle muito sutil, que exerce o efeito contrário, que procura oferecer e possuir informação. Em lugar de nos

aproximarmos da realidade com essa informação manipulada, podemos estar afastando conhecimento, da realidade.

A pluralidade da informação que pudesse chegar até ele seria limitada se só tivesse acesso a uma corrente, a um estereótipo, a temas não conflitivos, a organizações não próprias que, por falta de outras opções, tornar-se-iam próprias.

O espírito de disponibilidade da informação, que é o de oferecer a um usuário toda a informação existente que requer para satisfazer suas necessidades, independentemente do lugar em que se encontre, é possível tecnicamente, mesmo que os fatores sociais e políticos não o proporcionem na sua totalidade.

5 O VALOR QUE A SOCIEDADE DÁ A INFORMAÇÃO

Muitos ainda têm a idéia de que a informação é gerada e flui com tal facilidade, que se torna parte do patrimônio natural dos povos, da mesma forma como os bosques, os rios, o mar, etc. Em nossos dias e conforme o reportam diferentes grupos ecologistas, esse patrimônio natural está em risco e, ao não querer perdê-lo, nos damos conta de que custa caro resgatá-lo e mantê-lo.

O mesmo ocorre com a informação, oral ou impressa. Sempre acreditamos que, por ser um ingrediente obrigatório em nossas ações, não custa nenhum esforço produzi-la, obtê-la, organizá-la, difundi-la. Então, caímos no absurdo de dizer que é muito importante; porém, não atuamos em seu favor. Se não atuamos e não fazemos nenhum esforço para conseguí-la e oferecê-la a nossos povos, não haverá um uso real da informação. O reconhecimento social, a declaração de princípios, não é o suficiente. É inevitável e iniludível acometer ações que permitam um manejo e uma oferta integral da informação.

O primeiro seria o de esclarecer o mito de que a informação não tem custos. Atualmente contamos com uma sociedade de objetos materiais, na qual todos os processos se traduzem em custos. A Europa, a Ásia e a América Latina vivem e implantam mudanças, cujo eixo principal é o fator econômico. As mudanças, na economia mundial, influem nas mudanças políticas e sociais de muitas nações. Os processos culturais e a informação não podem abstrair-se desse fenômeno e terão de enfrentar fenômenos e conceitos que, há duas décadas começaram a ser manejados: o valor e o custo da informação.

Desde o momento em que se requerem consciência e mão-de-obra humana para gerar e processar a informação, esta tem um custo, além do meio no qual é registrada e transportada.

Seria conveniente distinguir que, quando falamos de informação e de seu valor, temos que aceitar que a informação como tal, os dados, os conceitos, são registrados em algum meio e, posteriormente, são transportados para seu uso, pelo que também teremos de fazer diferença entre o conteúdo e o continente * (MADEC, 1984, p. 38-46).

O conteúdo normalmente deveria ser o valor mais importante, já que é produto de um processo de criação, de aporte de novas idéias, novas formas ou o esforço para resgatar algo que, em seu momento e para um certo grupo é importante. Porém, esse valor muitas vezes é intangível, subjetivo, a própria sociedade encarrega-se de outorgá-lo, de engrandecê-lo ou diminuí-lo, dependendo das condições, do momento histórico, da antigüidade, atualidade, projeção, oferta e demanda.

Para taxar a informação, não é suficiente determinar o valor de seu conteúdo, devem ser calculados todos os processos posteriores a criação, edição e distribuição,

* Termo usado na França.

por exemplo. Se estivermos falando de serviços de informação, terão um custo todos os processos de aquisição e organização, além do meio através do qual vamos transportar essa informação (manual ou automatizado), mais o custo das telecomunicações. Todos estes aspectos têm um custo, portanto um valor. Em relação ao conteúdo, este é um valor objetivo, porque cada um dos processos tem um valor definido no mercado.

Este valor social e econômico da informação conforma a base para reconhecer-lhe um custo e aceitar o pagamento por sua posse. Muitas vezes, o reconhecimento deste valor não se dá de maneira individual mas por certos grupos, que reconhecem o valor e a necessidade de que o grosso da população tenha acesso a informação. Quando são aceitos os benefícios oferecidos pela informação à sociedade, exploram-se formas para que certos grupos sociais desprotegidos sejam beneficiados pela informação sem custos diretos. Isto ocorre através de subsídios ou de programas sociais que absorvam esses custos, tais como bibliotecas públicas; subsídios e legislações que protegem a indústria editorial; a importação de softwares e equipamentos automatizados, etc.

6 A SOCIEDADE E A INFORMAÇÃO

Quando a sociedade em seu conjunto ou em alguma de suas partes, como o grupo governante, reconhecem o valor da informação, também está reconhecendo a força e o poder que envolvem essa informação.

Hoje em dia não podemos falar de informação como coisa isolada, senão sempre paralela às tecnologias e às telecomunicações, o que nos permite possuir a informação de todo o mundo sem nos movermos do escritório ou de casa. Ainda assim, temos acesso ao mesmo tempo, ao mesmo tipo de informação, o que em um momento

unifica nossas oportunidades de deter a informação e paulatinamente, uniformiza nossas necessidades. A sociedade encontra-se diante de um fenômeno de massificação da informação: enquanto que uma mesma fonte ou um mesmo dado chega a um grande número de usuários, a um grande número de pessoas, esta situação por sua vez, nos leva a possuir uma cultura universal e internacional, que produz uma troca de valores, de atitudes, de necessidades e de satisfações locais por outras de tipo internacional.

A sociedade torna-se dependente da informação, não necessariamente de uma maneira crítica e seletiva, mas dependente de critérios e ofertas internacionais proporcionadas por organismos transnacionais, que possuem liderança no que se refere a normas, equipamentos e suporte para a transmissão da informação requerida em qualquer parte do mundo.

Analisar a relação sociedade-informação e, ver que são um binômio inseparável não é o suficiente. Temos que criar consciência nas grandes massas e nas elites de sua necessidade e utilidade, de que deve ser acessível e estar a serviço da criação e da prática humana, independentemente de sua classe, nível ou ideologia.

Society and Information

The society generates, builds, utilizes and gives specific value to information, and the infrastructure and whole process that go together in the information cycle. It is important recognize the benefits that the information offer to the society; and the relation between both (society & Information) and their effects and consequenses, and then to promote the accessibility and avaliability of information.

KEY-WORDS: Society
Information-Benefits
Information-Use
Information-accessibility
Information-availability

BIBLIOGRAFIA

- ALEMANHA. Federal Minister for Research and Technology. Public Relations Office. **Programme of the Federal Republic of Germany for Specialized Information**. Bonn, 1985. 111 p.
- ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANO. Declaración de los derechos del hombre y del ciudadano. Madrid, Espasa-Calpe, 1907 v. 17, p. 1217-9.
- EVANS, G. E. **Técnicas de administración para bibliotecas**. México, DGB-UNAM, 1980. 317 p.
- GUTIERREZ VEGA; H. **Información y sociedad**. México, F. C. E., 1974. 114 p.
- MADEC, A. **El mercado internacional de la información; los flujos, transfronteras de informaciones y datos**. Madrid, Tecnos, 1984. 159 p.
- MÉXICO. **Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos; comentada**. México; II Jurídicas-UNAM, 1985. 358 p.
- TERROU, F. **La información**. Barcelona, Vilassar de Mar, 1970. 126 p.

Traduzido por Suzana Sperry

Recebido para publicação em 20/01/92